

A parte que falta: uma leitura freudiana a partir de Shel Silverstein*

Gustavo Guedes*
Ana Paula Lettiere Fulco**

RESUMO: Este artigo propõe uma leitura freudiana de *A Parte que Falta*, de Shel Silverstein, para articular desejo e falta. Sustenta-se que a experiência inaugural de satisfação inscreve um traço mnêmico irrecuperável que orienta retroativamente o desejar. O desejo, indestrutível sob recalque, busca realizar simbolicamente o traço ligado à primeira satisfação. Lida assim, a narrativa dramatiza a queda da fantasia de completude: ao experimentar o encaixe perfeito, o personagem perde o canto e renuncia à peça, restaurando a circulação metonímica do desejo. Conclui-se que não há objeto capaz de garantir completude: há um vazio constitutivo que sustenta o desejo.

Palavras-chave: DESEJO; FALTA; METONÍMIA DO DESEJO; *A PARTE QUE FALTA*.

The Missing Piece: a freudian reading of Shel Silverstein

ABSTRACT: This article proposes a Freudian reading of Shel Silverstein's *The Missing Piece* to articulate the relation between desire and lack. It argues that the inaugural experience of satisfaction inscribes an irrecoverable mnemonic trace that retroactively orients desiring. Desire, indestructible under repression, seeks to symbolically re-enact the trace tied to the first satisfaction. Read in this key, the narrative dramatizes the collapse of the fantasy of completeness: upon experiencing the perfect fit, the character loses his song and renounces the piece, thereby restoring the metonymic circulation of desire. The conclusion is that no object can guarantee completeness; there is a constitutive void that sustains desire.

Keywords: DESIRE; LACK; METONYMY OF DESIRE; *THE MISSING PIECE*.

La parte que falta: una lectura freudiana a partir de Shel Silverstein

RESUMEN: Este artículo propone una lectura freudiana de *La parte que falta*, de Shel Silverstein, para articular deseo y falta. Se sostiene que la experiencia inaugural de satisfacción inscribe una huella mnémica irrecuperable que orienta retroactivamente el desear. El deseo, indestructible bajo la represión, busca realizar simbólicamente la huella ligada a la primera satisfacción. Leída de este modo, la narración dramatiza la caída de la fantasía de completud: al experimentar el encaje perfecto, el personaje pierde su canto y renuncia a la

* Artigo produzido a partir da monografia de graduação orientada pela Profa. Ana Paula Lettiere Fulco, docente da Graduação em Psicologia da Universidade Veiga de Almeida (UVA).

* Docente permanente da Escola de Informática e Computação do Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET/RJ.

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0001-8593-1506>
E-mail: gpgs1978@gmail.com

** Docente da Graduação em Psicologia da Universidade Veiga de Almeida – UVA.
ORCID Id: <https://orcid.org/0009-0004-2341-6946>
E-mail: lettierifulco@hotmail.com

pieza, restableciendo la circulación metonímica del deseo. Se concluye que no hay objeto capaz de garantizar la completud: hay un vacío constitutivo que sostiene el deseo.

Palabras clave: DESEO; FALTA; METONIMIA DEL DESEO; LA PARTE QUE FALTA.

Introdução

A narrativa da história *A Parte que Falta*, de Shel Silverstein (2018), apresenta um ser circular que parte em busca de sua “parte faltante”, acreditando que apenas assim poderia atingir a completude. A trajetória revela, contudo, que a plenitude não coincide com o encontro da peça faltante. Quando, finalmente, encontra a parte que encaixa perfeitamente, o personagem descobre que perde algo essencial — o espaço para cantar, deter-se e experimentar o mundo. A suposta completude torna-se, paradoxalmente, uma forma de perda. Decide então deixar a parte que encaixa perfeitamente e seguir incompleto com seu canto. Ao optar por seguir incompleto, ele aceita a falta como condição de movimento e de relação com os outros.



Essa metáfora ressoa com uma das intuições fundamentais da psicanálise: o desejo não se define pelo preenchimento de uma lacuna empírica, mas se estrutura a partir de um vazio constitutivo. A condição de incompletude, longe de ser um obstáculo, funda a própria dinâmica do desejar. É nesse sentido que a psicanálise se distancia das concepções filosóficas e artísticas que frequentemente associam o desejo à restauração de uma unidade perdida, para situá-lo, em Freud, como efeito de uma ausência que não pode ser recuperada por nunca ter existido.

Desde o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), Freud delineia que a experiência de satisfação inicial, ao reduzir a tensão do organismo pela intervenção do Outro, deixa uma marca psíquica — um traço mnêmico que passa a orientar futuras buscas. Essa experiência, entretanto, nunca pode ser repetida em sua forma original. O desejo emerge, assim, como tentativa de reencontrar a satisfação original, movendo o sujeito em direção a substitutos que nunca coincidem plenamente com o objeto supostamente perdido.

Essa impossibilidade revela o caráter estrutural do desejo. Não se trata de uma carência a ser superada, mas de um movimento permanente, sustentado pela diferença entre a percepção atual e a imagem mnêmica da experiência inaugural. O objeto, perdido desde sempre, uma referência enodada, organiza o campo do inconsciente. Daí a formulação freudiana segundo a qual o desejo nunca se extingue: ele persiste, desloca-se e transforma-se, mantendo o sujeito em constante relação com a falta.

Neste artigo, utilizamos a história de *A Parte que Falta* como metáfora para a articulação freudiana entre desejo e falta. A experiência de satisfação, como construção metapsicológica associada ao desamparo (*Hilflosigkeit*) e à “ajuda estrangeira”, deixa um traço mnêmico que orienta, *a posteriori*, o campo do desejar. O desejo já não coincide com a necessidade nem se reduz à economia da pulsão (*Trieb*): ele persegue uma identidade perceptiva perdida que, face ao princípio de realidade, se desloca em cadeias representacionais. Lida assim, a narrativa de Silverstein dramatiza o impasse da fantasia de completude e a restauração do deslizamento metonímico — não como defeito, mas como condição do laço com o mundo.

Organiza-se o artigo em mais quatro seções, além desta introdução. A segunda seção reconstitui, no quadro freudiano, os operadores da constituição do desejo explicitando seus desdobramentos metapsicológicos. A terceira circunscreve a falta como operador estrutural do desejar, precisando a distinção entre objeto perdido e *das Ding*, bem como o lugar da fantasia e do objeto *a*. A quarta retoma o conto *A Parte que Falta* para propor a leitura propriamente teórico-clínica: a queda da fantasia de completude e a restituição da metonímia do desejo pela renúncia à peça. Por fim, a quinta apresenta as considerações finais, sintetizando os argumentos, indicando limites da interpretação proposta e apontando desdobramentos teóricos e clínicos (em especial quanto à ética do desejo e à pluralização dos investimentos no laço com o mundo).

O desejo e a falta em Freud

No *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), Freud delinea as bases para uma compreensão dos processos psíquicos, por meio de um modelo de funcionamento neurológico/fisiológico, destacando o conceito de desamparo inicial (*Hilflosigkeit*) como fundamental para a constituição do sujeito. Incapaz de atender às suas próprias necessidades, como a fome, o bebê depende de um cuidador para realizar a ação específica que reduz a tensão interna. Freud postula então que, inicialmente, há uma necessidade que provoca um estado de tensão no organismo do bebê. A primeira experiência de satisfação ocorre quando o cuidador intervém para reduzir essa tensão, o que provoca prazer (ou reduz o desprazer) e imprime uma marca psíquica, registrada como um traço mnêmico (*Erinnerungsspur*), uma marca, um significante — e, a partir de então, o sujeito busca reencontrar a primeira experiência. Essa marca torna-se a parte de um processo de simbolização primária que servirá de referência para posteriores experiências de satisfação. Freud descreve esse processo da seguinte maneira:

Quando a pessoa que ajuda executa o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexos, de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno. A totalidade do evento constitui então a experiência de satisfação [...] (Freud, 1895/2006, p. 241).

Essa experiência inaugural origina o desejo, que emerge como um impulso psíquico voltado à reprodução da primeira experiência de satisfação. Nas palavras de Freud: “Um impulso desse tipo é o que chamamos de desejo” (Freud, 1900/2019, p. 617). O desejo, então, surge como uma resposta psíquica à tensão interna, buscando restabelecer o estado de prazer associado à satisfação. Dessa forma, o desejo não é apenas uma reação à tensão interna, mas uma tentativa de reproduzir a experiência de prazer vivida anteriormente. Esse mecanismo é fundamental para a compreensão do modo como o desejo se estrutura no psiquismo, pois ele

está intrinsecamente ligado à satisfação e à busca por sua repetição. É o que coloca o psiquismo em movimento. Em outras palavras, a primeira experiência de satisfação deixa um traço mnêmico no aparelho psíquico, de modo que a satisfação passa a estar diretamente ligada à imagem/percepção do objeto que a proporcionou (Dor, 2004). Conseqüentemente, o elemento essencial da experiência de satisfação é o surgimento de uma percepção cuja imagem mnêmica permanecerá associada ao traço mnêmico da excitação da necessidade (Quinet, 2000).

A impossibilidade de repetir exatamente a experiência original gera uma dinâmica constante de busca. O desejo torna-se, assim, um motor que impulsiona o sujeito a encontrar substitutos para aquela primeira satisfação. Essa ideia já antecipa a noção freudiana de que o desejo está sempre deslocado e nunca pode ser plenamente satisfeito. Freud estabelece, portanto, um princípio fundamental da psicanálise: o desejo nunca se extingue, mas se transforma e se desloca ao longo da vida do sujeito, assumindo diferentes formas e direções.

Outro aspecto relevante é que a experiência de satisfação não se restringe à necessidade fisiológica, mas se entrelaça com as relações interpessoais. O cuidador que proporciona o alívio da tensão não é apenas um fornecedor de alimento ou conforto, mas uma pessoa que passa a ser investida libidinalmente. Conforme descrito por Freud (1905/2016b, p. 144), “para a criança, o trato com a pessoa que dela cuida é uma fonte contínua de excitação sexual e satisfação das zonas erógenas [...]”, ou seja, o desejo, desde seu início, está ligado à alteridade, ao outro que intervém para proporcionar satisfação. Isso significa que a estrutura do desejo não se limita a uma busca por objetos da realidade material, mas envolve uma complexa relação com a presença e a ausência do Outro. Nesse contexto, é necessário considerar também a incidência das exigências externas sobre o sujeito, as quais Freud denominou *Not des Lebens* — urgências da vida. Como observa Garcia-Roza (1993), trata-se de uma imposição da realidade que excede as necessidades orgânicas, constituindo uma pressão inescapável que força o sujeito a reorganizar seu funcionamento psíquico e adaptar-se às condições do mundo externo. Essas exigências contribuem para a emergência de estados de urgência que marcam profundamente a constituição subjetiva.

Um exemplo emblemático da relação com a presença e a ausência do Outro pode ser observado no jogo do *fort-da*, descrito por Freud no texto *Além do Princípio de Prazer* (1920) (Freud, 1920/2020). Nesse jogo, a criança simboliza a ausência e o retorno da mãe com um carretel que ela joga para longe (pronunciando *fort*) e depois puxa de volta (pronunciando *da*). Esse jogo não apenas ilustra a capacidade da criança de lidar simbolicamente com a ausência do Outro, mas também revela como o desejo se estrutura a partir da relação com a alteridade.

A repetição do jogo evidencia que o desejo está intrinsecamente ligado à tentativa de lidar simbolicamente com a ausência do Outro, transformando a ausência em uma presença imaginária. Essa dinâmica do desejo não se limita, no entanto, à relação com o Outro no presente. Freud observa que a experiência de satisfação inicial deixa uma marca psíquica que orienta a busca do desejo ao longo da vida. A satisfação fica associada à imagem mnêmica do objeto que a provocou. Freud destaca que, quando o estado de tensão se repete, surge um impulso psíquico que busca reinvestir na imagem mnêmica do objeto associado àquela experiência inicial de satisfação. Esse impulso é o que Freud chama de desejo: “O estado do desejo (*Wunschzustand*) resulta numa atração positiva para o objeto desejado (*Wunschobjekt*), ou mais precisamente, por sua imagem mnêmica” (Freud, 1895/2006, p. 244).

O desejo é, portanto, um movimento que busca reencontrar a imagem mnêmica que remete à satisfação originária. Freud explica que, ao surgir uma nova necessidade, o psiquismo busca reinvestir na imagem mnêmica do objeto que já proporcionou prazer, na tentativa de reproduzir a experiência de satisfação. Tal operação ocorre em um nível

inconsciente, sendo mediada pela associação entre o traço mnêmico da excitação e a percepção do objeto. Ele não encontra, no entanto, nada além dessa marca, ou seja, algo foi perdido (Soler, 2021). Costa (2010) observa que, ao longo da vida, o sujeito buscará substitutos para esse objeto perdido, sem jamais encontrá-lo. O objeto que poderia completar o sujeito, trazendo-lhe a satisfação plena do desejo, é, por definição, um objeto perdido, desde sempre. Esse processo revela a natureza paradoxal do desejo: ele é sempre uma busca por algo que já foi vivido, mas que não pode ser plenamente recuperado.

A criança, ao não encontrar o objeto real que proporcionou satisfação, passa a direcionar seu desejo para objetos substitutos que evocam a lembrança daquela experiência de prazer. Esse processo de substituição é fundamental para a estruturação do desejo, pois ratifica que o objeto do desejo nunca é fixo ou definitivo, mas sempre aponta para algo ausente, perdido. Freud (1900/2019, p. 618) esclarece que o desejo busca “reproduzir a situação da primeira satisfação”, mas essa reprodução nunca é idêntica à original, o que gera uma busca incessante por novos objetos que possam, mesmo que parcialmente, preencher essa lacuna.

De tal modo, a teoria freudiana deixa claro que o desejo humano não pode ser reduzido à satisfação direta da pulsão; ele se assenta nas urgências da vida. Ele se constitui como representação psíquica e simbólica, na qual os objetos passam a funcionar como substitutos de uma experiência inicial e ausente. Esse princípio tem desdobramentos importantes na teoria psicanalítica, especialmente na formulação da teoria do inconsciente e nas tentativas de simbolizar essa busca incessante pelo objeto perdido.

A busca pelo objeto perdido remete a uma dimensão que Freud delineou em seus primeiros escritos e que foi posteriormente formalizada por Lacan: a ideia de um objeto primordial, que funciona como um ponto de referência inatingível e que organiza estruturalmente a dinâmica do desejo. Esse objeto representa aquilo que está para sempre além do alcance, mas que, paradoxalmente, sustenta a própria estrutura do desejo. Conforme já indicava Freud, esse objeto está presente apenas como uma ideia imaginária, como se pode observar no *Projeto para uma Psicologia Científica*:

Quer dizer, isto pode ocorrer em primeiro lugar quando ele, encontrando-se em estado de desejo, catexiza [investe] de novo a lembrança de um objeto e então põe em ação o processo de descarga; nesse caso, deixa de ocorrer a satisfação, porque o objeto não é real, mas está presente apenas como ideia imaginária (Freud, 1895/2006, p. 246–247).

O objeto perdido representa aquilo que o sujeito busca incessantemente, mas que permanece inatingível. Diante disso, Jorge (2010) sustenta que o objeto perdido não existe como tal, é um objeto suposto por nosso aparelho psíquico. Assim, o desejo não implica uma relação com um objeto real, mas sim com um fantasma (Garcia-Roza, 1987), uma fantasia (Roudinesco; Plon, 1998). Costa (2010), referindo-se a Freud, enfatiza que o objeto, na psicanálise, só pode ser pensado a partir de sua representação na fantasia. Esse raciocínio é complementado por Fink (1998, p. 120), que realça que o objeto perdido nunca existiu, ele é constituído como perdido “após o fato, na medida em que o sujeito é incapaz de encontrá-lo em qualquer outro lugar que não na fantasia ou na vida onírica”.

Embora o objeto perdido e *das Ding* frequentemente apareçam como termos correlatos na literatura, é importante distingui-los. Freud introduz a ideia de *das Ding* (a Coisa), no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), ao descrever como a primeira experiência de satisfação deixa uma marca psíquica que orienta a busca futura por satisfação. Em Freud, o conceito de objeto perdido refere-se àquele objeto primordial de satisfação que, uma vez perdido, jamais pode ser plenamente reencontrado. Na leitura lacaniana, o objeto perdido não é algo que o sujeito um dia teve e depois perdeu, mas sim algo que, por sua própria natureza,

sempre esteve fora de alcance, como um real que resiste à simbolização. Embora irrecuperável, esse objeto pode ser simbolizado e figurado na fantasia.

Segundo Costa (2010), quando o sujeito busca encontrar esse objeto, encontra apenas um furo que marca a ausência de objeto, denominado a Coisa freudiana, *das Ding*. Do Nascimento e Maurano (2018) complementam essa ideia descrevendo que “A Coisa é o vazio constituído a partir da ausência de objeto [...] A Coisa aparece como o objeto perdido, um espaço que surge como vazio no lugar do objeto que nunca houve [...]”. Dessa maneira, *das Ding* não é um objeto em si, mas ocupa o lugar de um objeto que o sujeito busca encontrar, orientando-se a partir de coordenadas de prazer ou desprazer, registradas no inconsciente como traços mnêmicos (Valas, 2001).

É precisamente essa impossibilidade de reencontro com a Coisa que estrutura o desejo como uma força que insiste sem cessar. Jorge (2010, p. 134) observa: “[...] é porque a Coisa não existe que a pulsão é uma força constante que insiste o tempo todo em tentar obter essa Coisa, que jamais aparece para ela”. Assim, no lugar da Coisa, o sujeito encontra apenas objetos substitutivos, que se apresentam como objetos da fantasia (Valas, 2001). Esse vazio que Freud denomina *das Ding* corresponde ao interdito que o sujeito contorna com sua fantasia.

Lacan, em *O Seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise* (1959-1960), retoma e formaliza o conceito de *das Ding* como um vazio estrutural, um ponto de impossibilidade que organiza a dinâmica do desejo. Ele descreve *das Ding* como “o que, do real primordial, diremos, padece o significante” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 149). Trata-se do real que escapa a toda simbolização, aquilo que o sujeito não pode apreender senão como ausência, um furo em torno do qual o desejo se estrutura. Segundo Jorge (2017), é precisamente a proximidade da Coisa que representaria um gozo capaz de aniquilar o desejo e, por consequência, o próprio sujeito, de modo que só há sujeito do desejo porque há falta. Essa falta preserva o sujeito do encontro devastador com o real da Coisa.

Garcia-Roza (1999) esclarece que Lacan faz uma distinção entre dois termos utilizados para “coisa” em alemão: *das Ding* e *die Sache*; *die Sache* é o que representa o objeto do desejo e sua presença é ilusória, pois busca preencher o vazio de *das Ding*, sem jamais, conforme já mencionado, conseguir. O autor conclui que não podemos dizer que *das Ding* é o objeto perdido, dado que o que o constitui como perdido é a nossa própria procura.

Em síntese, *das Ding* é o nome dado ao real, que resiste a qualquer simbolização; não é o objeto perdido, mas aquilo que funda a própria estrutura do desejo por meio da impossibilidade de sua simbolização. É o interdito fundamental, aquilo que o significante não captura e que o sujeito só pode contornar por meio da fantasia e da cadeia significante. De forma mais precisa, enquanto o objeto perdido se coloca como aquilo que o sujeito supõe ter perdido e busca incessantemente no campo da fantasia, *das Ding* é o vazio radical, o furo no real, em torno do qual o desejo se organiza; trata-se de um real que permanece inacessível e interditado. É no campo da fantasia que o sujeito encontra um espaço para sustentar o desejo, ao mesmo tempo em que se protege do encontro com o real da Coisa. A lógica desse desejo também foi objeto de estudo de Freud em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), em que ele propõe que o desejo se manifesta no inconsciente como uma tentativa de realização alucinatória do objeto perdido. Freud descreve o processo da seguinte forma:

Uma mudança só pode ocorrer quando, de algum modo, por meio de uma ajuda vinda de fora, a criança tem a vivência da satisfação, que anula o estímulo interior. Um elemento essencial dessa vivência é o aparecimento de certa percepção (do alimento, nesse exemplo), cuja imagem mnêmica, a partir de então, fica associada ao traço mnêmico da excitação criada pela necessidade. Tão logo essa necessidade volta a se manifestar, ocorre, graças ao vínculo

estabelecido, um impulso psíquico que procura investir novamente a imagem mnêmica da percepção e suscitar de novo a própria percepção, ou seja, reproduzir a situação da primeira satisfação. Um impulso desse tipo é o que chamamos desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o pleno investimento da percepção, a partir da excitação devida à necessidade, é o caminho mais curto para a realização do desejo. Nada nos impede de supor um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho tenha sido realmente percorrido, em que desejar tenha resultado numa alucinação. Essa primeira atividade psíquica visava, portanto, uma identidade perceptual, ou seja, a repetição daquela percepção ligada à satisfação da necessidade (Freud, 1900/2019, p. 617–618).

Freud sugere, portanto, que, em um estado primitivo do aparelho psíquico, o desejo pode levar à alucinação, isto é, à tentativa de reproduzir a percepção do objeto satisfatório por via alucinatória. Com o desenvolvimento do psiquismo, o desejo passa a encontrar, no entanto, outras vias de expressão, como os sonhos. Nos sonhos, o desejo inconsciente encontra uma via de realização simbólica, ainda que distorcida. Freud (1900/2019, p. 620–621) afirma: “[...] o sonho é sempre uma realização de desejos (*Wunscherfüllung*) [...], cujo trabalho não tem outro objetivo senão a realização de desejos e que não dispõe de outras forças senão as dos impulsos de desejos.”. Essa concepção é central na teoria psicanalítica: o sonho é uma via de expressão para o desejo inconsciente, que permanece ativo mesmo quando recalcado.

Na formação dos sonhos, o desejo não se manifesta de forma direta. Ele se disfarça por meio de mecanismos como condensação (*Verdichtung*) e deslocamento (*Verschiebung*). Assim, o desejo inconsciente, por não poder expressar-se diretamente na vida desperta devido às restrições impostas pelo psiquismo, manifesta-se nos sonhos de forma cifrada. Dessa maneira, a análise dos sonhos permite desvendar os desejos recalcados e compreender a lógica subjacente à formação dos sintomas neuróticos, que conforme afirmado por Freud (1900/2019, p. 621) “também eles (os sintomas) devem ser vistos como realizações de desejo do inconsciente”. Se, num estado primitivo, o desejar tende à identidade perceptiva de cunho alucinatório, o desenvolvimento do aparelho psíquico implica a passagem à identidade de pensamento sob a égide do princípio de realidade (Freud, 1911/2004). Esse deslocamento não abole o desejo, mas reinscreve sua realização em vias indiretas — sonhos, sintomas, chistes — nas quais condensação e deslocamento testemunham a defasagem estrutural entre traço mnêmico e objeto. Em todas essas manifestações, o desejo inconsciente busca uma via de expressão. Mesmo recalcado, o desejo não desaparece: ele insiste, deslocando-se, condensando-se, reaparecendo sob formas substitutivas.

Em suma, Freud mostra que o desejo retorna onde a busca pela primeira satisfação fracassa: sonhos, sintomas e repetições testemunham a distância irreduzível entre o traço mnêmico e qualquer objeto da realidade. É justamente essa defasagem que concebe a falta: não um vazio ocasional, mas a hiância que o aparelho psíquico contorna por deslocamentos e substituições, sustentando a circulação metonímica do desejar. A seguir, discutimos essa falta — inaugurada pela perda do objeto primordial e mantida pela impossibilidade de sua reconquista — como operador estrutural do desejo em Freud.

A noção de falta ocupa um lugar central na teoria freudiana do desejo, ainda que Freud não a sistematize com esse termo específico ao longo de sua obra. Trata-se de uma categoria estrutural, implícita em diversas formulações, que emerge a partir da perda do objeto primário de satisfação e da conseqüente impossibilidade de sua plena recuperação. É essa experiência inaugural de perda que estabelece o campo do desejo e estrutura a vida psíquica do sujeito. Nas palavras de Quinet (2000, p. 88):

O desejo é justamente a busca, a procura daquele objeto suposto da primeira experiência fictícia de satisfação, que nunca existiu, mas é um postulado necessário a Freud para constituir o objeto como faltante e sua consequente busca da parte do sujeito. O desejo é a busca do objeto perdido.

Conforme já discutido, desde a primeira experiência de satisfação Freud mostra que as urgências da vida do bebê, quando satisfeita por um outro, produz concomitantemente no psiquismo, um estado de prazer que deixa uma marca psíquica, registrada como traço mnêmico. Essa experiência fundante não é, contudo, passível de repetir-se tal como foi vivida. A repetição da necessidade não garante a mesma satisfação, mas revela a ausência do objeto que antes proporcionou prazer. Assim, o desejo, como aponta Freud, é um impulso que busca reatualizar a percepção do objeto perdido, mas que se defronta com a impossibilidade de reprodução da experiência original.

Diante disso, o sujeito reencontra apenas a imagem mnêmica do objeto, e não o objeto real, instaurando a falta como condição estrutural do desejo. Freud descreve esse processo no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), ao afirmar que “um impulso desse tipo é o que chamamos desejo” (conforme já mencionado), um desejo que se funda, portanto, na tentativa de recompor aquilo que falta, mas que se mostra irremediavelmente perdido.

Essa falta não é simplesmente a ausência empírica de um objeto, mas uma ausência constitutiva, que impede a coincidência entre o desejo e sua realização. O objeto desejado nunca é plenamente acessível, pois o aparelho psíquico opera com representações e estas não coincidem com o real da satisfação. O desejo (*Wunsch*), nesse sentido, é uma tentativa de reatualizar simbolicamente o que foi perdido, mas sua realização é sempre parcial.

A defasagem entre a imagem mnêmica e o objeto real instaura a cadeia significativa do desejo e inaugura o campo do inconsciente. O sujeito passa a circular entre representações, fantasias e substituições, sem jamais alcançar o objeto pleno da satisfação. Essa impossibilidade funda o caráter metonímico do desejo, que se desloca continuamente de um objeto a outro, sustentado pela falta.

A falta — ainda que não nomeada como tal por Freud — é, portanto, a condição que possibilita o desejo, o inconsciente e a própria constituição do sujeito. Esse estatuto da falta — como impossibilidade estruturante e não como carência empírica — encontra, no conto de Silverstein, uma metáfora clínico-conceitual de grande precisão. Com esses elementos em vista, a seção seguinte limita-se a reconstituir, de modo sucinto, a narrativa de *A Parte que Falta*, fixando a sequência dos acontecimentos sem proceder ainda à sua interpretação. Na seção subsequente, retomamos essa história para articulá-la aos operadores freudianos aqui delineados.

A parte que falta

A história de *A Parte que Falta* começa com um ser singular: um círculo a quem falta uma parte, uma fatia triangular que deixa sua forma irregular. Ele não está parado; ele rola se movimentando pelo mundo. Enquanto rola, canta — uma canção simples que acompanha o ritmo de sua trajetória. Há algo de leve nesse rolar, mas também uma insistência, como se o movimento fosse ao mesmo tempo um prazer e uma necessidade. O círculo não é apenas um objeto geométrico; ele é animado, dotado de uma voz, de uma intenção que se manifesta em sua busca. Assim, canta enquanto rola: “Oh, busco a parte que falta em mim [...]”.

O mundo por onde ele passa é vivo, pulsante. Por faltar uma parte, não consegue rolar muito rápido e pode cheirar as flores pelo caminho; há borboletas com quem ele conversa; há minhocas que ele encontra na terra, pequenos seres com quem troca um instante de

companhia. Cada encontro é breve, mas significativo — o círculo se detém, observa, interage. Ele não apenas rola; ele se relaciona, afeta-se, implica-se. A falta, visível em sua forma, não o impede; pelo contrário, parece dar-lhe espaço para essas pausas, para esses diálogos com o que o cerca.

A busca pela peça que preencheria a parte que lhe falta é o fio que costura sua jornada. O círculo encontra outras formas — triângulos, quadrados e fragmentos de tamanhos e contornos variados — e, com cada uma, tenta um encaixe. Algumas são grandes demais, forçando-o a se esticar além de seus limites; outras, pequenas demais, deslizam para dentro dele sem preencher todo o espaço. Há uma expectativa que se desenha no modo como ele se aproxima e experimenta. E há, também, uma aceitação nas falhas: quando a peça não serve, ele a deixa de lado e segue rolando, cantarolando. Não há desespero evidente, mas uma continuidade, uma persistência que atravessa os encontros com as peças.

Então, um dia, a peça que encaixa aparece — a peça exata, com o ângulo perfeito, o tamanho correto. O círculo a acolhe e ela se encaixa sem esforço, deixando sua forma regular. Ele se torna, enfim, um círculo, sem espaço faltante e comemora “Encaixou! Encaixou com perfeição! Finalmente! Finalmente!”. O rolar muda: agora é rápido, fluido, quase mecânico. Não há mais pausas para as flores, nem conversas com as borboletas, nem encontros com as minhocas. A canção silencia, já não pode cantar; o círculo que, antes, se envolvia no mundo, agora passa por ele velozmente. É uma transformação súbita, e o círculo percebe — há um instante de quietude em que ele parece perceber o que foi perdido. A velocidade, que parecia uma conquista, revela-se um isolamento; a completude, que prometia harmonia, traz uma estranha ausência.

Diante disso, o círculo pensa: “Ah [...] então é assim!”. Em seguida, toma uma decisão. Ele para e põe a peça no chão. Novamente começa a rolar — agora sem a peça que preencheria seu espaço vazio — mais devagar, com a borda irregular de antes, mas agora com uma perspectiva diferente. A canção retorna, talvez mais baixa, mais reflexiva, mas ainda viva: “Oh, busco a parte que falta em mim [...]”. Ele segue seu caminho, com sua forma irregular outra vez, mas de volta ao mundo das flores, das borboletas, das minhocas. A peça fica para trás, não como um fracasso, mas como uma escolha — uma escolha de ser o que é, de habitar a falta que o define.

Esta é a experiência que Shel Silverstein nos oferece: um círculo que rola, busca, encontra e renuncia, num ciclo que não se fecha, mas abre-se às possibilidades. O que se apresenta é um movimento permeado por encontros, uma tensão entre a falta e a busca, uma relação com o mundo que oscila entre a presença e a ausência. Há uma continuidade na busca, uma nostalgia na conquista, uma liberdade na renúncia. A jornada do círculo, contudo, pode ser interpretada para além de sua continuidade: ela pode servir de apoio à leitura dos fundamentos da teoria do desejo em Freud.

A parte que falta e a busca pelo objeto perdido em Freud

Na leitura freudiana, a busca empreendida pelo círculo de *A Parte Que Falta* pode ser articulada como uma metáfora da dinâmica desejante que ocorre na primeira experiência de satisfação, que inaugura o desejo ao deixar como efeito um traço mnêmico e uma repetição que se sustenta por satisfações parciais. Não se trata da perda de um objeto empírico, mas da marca de um prazer contingente e irrecuperável. Freud, em *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), descreve como o sujeito, ao vivenciar um estado de tensão interna (necessidade), encontra um alívio momentâneo quando um objeto externo é trazido como uma ajuda por alguém que significa o grito (choro) e opera a ação específica (“ajuda estrangeira”,

fremde Hilfe). Esse evento inaugural deixa uma marca psíquica que orienta retroativamente os caminhos do desejo, ainda que o objeto que provocou a satisfação jamais tenha sido plenamente identificado ou possa ser reencontrado. O sujeito inicia, então, uma “busca marcada pela repetição, busca de uma repetição primeira que tem como marco um primeiro momento mítico, um primeiro encontro entre o sujeito e o objeto de ‘satisfação’” (Rabinovich, 2009, p. 13).

É essa marca — e não o objeto em si — que estrutura a fantasia, compreendida em Freud como uma cena inconsciente na qual o desejo pode inscrever-se. Como sintetiza Jorge (2017, p. 213), “tal fantasia ocupa, na neurose, um lugar estrutural e é efeito do recalçamento originário, a partir do qual ela constitui uma tela protetora em relação ao real ao estabelecer a realidade psíquica”. A fantasia, portanto, não visa o objeto real, mas constrói uma cena em torno de uma ausência inaugural, oferecendo uma narrativa para sustentar o desejo sem confrontá-lo diretamente com o real da castração. Complementando esse raciocínio, Costa observa:

É na busca de encontro com esse primeiro Outro, encontro sempre perdido, que se instala esse traço mnêmico que nunca alcança a presença desejada. [...] a completude é da ordem do imaginário [...] o sujeito é marcado por sua falta ôntica, quer dizer, seu complemento está originalmente perdido no Outro, uma vez que não há significante que represente a completude do Outro. Tal complemento perdido, na verdade, nunca esteve presente e essa é a condição necessária ao desejo. Isso significa que o objeto que poderia completar o sujeito, trazendo-lhe a satisfação total do desejo, é, por definição, um objeto perdido (Costa, 2010, p. 47).

Lacan ressalta essa lógica em *O Seminário, livro 7*, ao reler o conceito freudiano de *das Ding* (A Coisa) como correlato de um objeto impossível que funda o campo do desejo. Para Freud, observa Lacan, *das Ding* está vinculada à tendência fundamental ao *Wiederzufinden*, ou seja, à busca por reencontrar um objeto que, paradoxalmente, nunca foi propriamente perdido, ainda que organize toda a orientação do desejo em direção a ele (Lacan, 1959-1960/1988). O desejo, portanto, não se constitui em torno de um objeto real, mas de uma ausência que se torna causa da repetição. A operação de “reencontro” é, na verdade, uma montagem sustentada pela fantasia, que perpetua o movimento desejante em torno de um gozo inaugural irrecuperável. É a fantasia que oferece ao sujeito uma narrativa, uma cena estruturante — uma moldura simbólica — capaz de sustentar o desejo mesmo diante da impossibilidade de reencontro com o objeto original.

No universo de *A Parte Que Falta*, essa lógica pode ser figurada na peça que o círculo investe fantasmaticamente como suposto operador de completude — ainda que apenas imaginária —, mas cuja função é apenas a de sustentar o circuito de busca. O círculo fantasia que o encontro com uma peça com o encaixe perfeito tornaria completo. Tal como aponta Lacan, o objeto que Freud localiza como perdido não é um ente concreto, mas um ponto de enigma, um objeto causa do desejo (objeto *a*), que sustenta o trilhamento (*Bahnung*) mnêmico e organiza os percursos do desejo sob a regência do princípio do prazer (Lacan, 1959-1960/1988). Cada tentativa do círculo, cada encontro com uma nova peça, carrega esse impulso repetitivo que jamais se satisfaz plenamente, pois o objeto da realidade material nunca coincide com o objeto da fantasia. A busca, portanto, não visa à posse, mas à manutenção do movimento desejante, que se organiza a partir da falta e não de sua reparação.

O círculo rola, com sua borda incompleta, em direção à peça que promete torná-lo completo, como se a completude fosse um estado original a ser alcançado. Essa busca remete também ao célebre mito narrado por Platão em *O Banquete*, no qual Aristófanes descreve que os seres humanos, originalmente esféricos e autossuficientes, foram partidos ao meio por Zeus

e condenados a buscar incessantemente sua outra metade para recuperar a completude perdida. Tal como esses seres míticos, o círculo encarna uma falta que não remete a um objeto empírico, mas a uma falta inaugural — uma ausência que a fantasia representa como reversível, ainda que nunca tenha existido como plenitude real. A força da metáfora reside justamente nesse ponto: o livro de Silverstein pode ser lido à luz dos efeitos da fantasia de completude para revelar suas consequências subjetivas.

O ambiente por onde o círculo passa — flores, borboletas, minhocas — marca os encontros contingentes do percurso e realça o contraste com a peça idealizada. São justamente essas peças, encontradas ao longo do caminho, que podem melhor ilustrar a lógica freudiana da satisfação parcial. Freud já havia enfatizado que o objeto da pulsão é o que há de mais variável, e é precisamente essa variabilidade que permite formas substitutivas de satisfação. Pode-se dizer que o círculo, ao buscar diferentes peças, encontra uma satisfação parcial, pois, como observa Lacan, a pulsão não se satisfaz no objeto, mas no percurso até ele. A pulsão satisfaz-se em seu próprio circuito, que repete uma trajetória em torno da falta, e não em direção a um fim. Em outras palavras, Lacan acentua que o movimento da pulsão se satisfaz na própria circularidade que a reconduz à sua origem, permitindo que encontre satisfação ao longo de seu percurso, mesmo sem alcançar a meta última (Lacan, 1964/1985a, p. 170). Essa dinâmica remete diretamente à concepção freudiana do desejo como busca incessante de um objeto perdido — não um objeto da realidade material, mas aquele que jamais existiu em sua plenitude, efeito da primeira experiência de satisfação e do traço deixado por ela. Os encontros do círculo com os objetos do mundo exterior ilustram precisamente essa forma de satisfação pulsional: não encerram o desejo, alimentam-no. Como observa Maurano, “Nossa satisfação é sempre parcial. O que, afinal, não é ruim, já que a satisfação que falta é elemento motriz para novas buscas” (Maurano, 2010, p. 40).

O círculo permanece em movimento porque o desejo, estruturado pela falta, não se satisfaz plenamente. Cada nova tentativa de encontrar a peça que encaixa reinscreve o desejo em uma cadeia de substituições e repetições. Assim, o círculo examina e experimenta cada nova peça como se nela pudesse reencontrar o efeito inaugural do prazer, ainda que tal reencontro seja impossível. A impossibilidade da repetição exata reinscreve a falta como condição mesma do desejo; o que se deseja é, desde sempre, um objeto construído pela ausência.

O círculo, enfim, encontra a peça que se ajusta com precisão. A cena não mostra a extinção do desejo, mas a diferença entre completar e preencher: o encaixe fecha a fenda que era apoio e boca, o rolamento se torna uniforme, as pausas rareiam. O personagem percebe que a peça oferece apenas um preenchimento fisiológico — funcional — incapaz de realizar a completude imaginada. O desejo não cessa; com o espaço tamponado, perde-se justamente a folga que abria a canção e possibilitava os encontros. É isso que ele reconhece ao dizer “então é assim”. Ao colocar a peça de lado, não renuncia ao desejar; desfaz a fantasia de que existiria “a” peça adequada e restitui o regime próprio do desejo: o deslizamento metonímico, a pluralização dos objetos. O gesto indica que a vida desejante não tem um objeto último; ela se sustenta no intervalo que a falta mantém aberto.

Freud nos mostra que o desejo não se satisfaz com a presença do objeto, pois sua origem está marcada por uma ausência inaugural. A cena em que o círculo encontra a parte que encaixa perfeitamente ilustra justamente esse ponto: ao confrontar-se com o objeto que parecia prometer completude/plenitude, o sujeito descobre que embora preenchido, a peça encontrada não o completa; conforme descrito por Costa (2010, p. 47): “[...] a completude é da ordem do imaginário [...]”. Assim, o que se busca não é um objeto que promova a completude, mas a manutenção da tensão entre a falta e o encontro, entre aquilo que se

vislumbra e aquilo que escapa. É no intervalo entre o querer e o obter que o sujeito se constitui; fora disso, há apenas silenciamento.

O desejo, na teoria freudiana, nasce de uma perda. E, como ensina Lacan, é a falta — e não a obtenção de um objeto — que sustenta a posição do sujeito no campo do desejo. Ao evidenciar que o desejo não almeja um objeto a ser obtido, mas sim sua própria preservação, na condição de movimento sustentado pela ausência, a psicanálise enfatiza o papel central da fantasia como sustentáculo da vida desejante. É na fantasia que o desejo se mantém em movimento, pois ela permite nomear o que falta. Nesse aspecto, Jorge descreve:

[...] o desejo almeja sua preservação, ele é desejo de desejo e, assim, mantém distância de sua própria realização. [...] A fantasia é essencialmente fantasia de desejo porque ela como que recorta aquilo que, do campo do inominável do desejo, adquire alguma forma de nomenclatura. Se o desejo entroniza continuamente a falta, a fantasia, por sua vez, inventa, imagina e, em suma, fantasia o que falta. Por isso, a fantasia é prolífica e se reconstitui continuamente (Jorge, 2010, p. 169–170).

O círculo, então, decide deixar a peça e retorna à sua forma original. Com isso, não apenas recupera sua canção e seu contato com o mundo, mas reinscreve a própria lógica do desejo: “Oh, busco a parte que falta em mim [...]”. Essa decisão ilustra uma das teses mais fundamentais da psicanálise: o desejo não se orienta para um objeto a ser obtido, mas para a manutenção de um circuito que o relança sempre de novo — um circuito sustentado pela ausência estrutural de um objeto que jamais existiu plenamente.

Do ponto de vista ético, o gesto de deixar a peça pode ser lido como uma figuração mínima da travessia da fantasia: não a eliminação da fantasia (que estrutura o campo do desejo), mas a separação do sujeito em relação à crença de que a completude constituiria um estado final de plenitude subjetiva. A travessia implica deslocar-se do ideal de plenitude para a sustentação da falta que torna o desejo operante, em consonância com a ética formulada por Freud e precisada por Lacan. Ao renunciar ao encaixe, o personagem sai da cena fantasmática que exigia completude e reencontra, com o canto e as pausas, o campo dos investimentos parciais, onde o desejo pode circular sem confundir-se com a promessa de totalidade. A renúncia do personagem, portanto, não figura um fracasso, mas a queda da fantasia de totalidade, com a qual cessa a suposição de um objeto-último e se restaura a metonímia do desejo.

A trajetória do círculo, portanto, encena, à luz de Freud, a condição desejante humana: o desejo nasce da marca deixada por uma experiência inaugural de satisfação, mas não reencontra seu objeto; em vez disso, sustenta-se na repetição, na substituição e na incompletude. Trata-se, portanto, de uma busca por um objeto perdido — um objeto que, mais do que perdido, nunca foi plenamente possuído, sendo construído retroativamente como aquilo que faltou na origem. Convém fixar este ponto: em Freud, a falta articula-se à ausência de um objeto perdido, que inaugura o desejo por meio de uma experiência de satisfação irrecuperável.

Considerações finais

Este artigo procurou examinar, à luz de Freud, como a narrativa de *A Parte que Falta* oferece uma metáfora potente para descrever a estrutura desejante. No caso em questão, o desejo ordena-se pela fantasia de completude, mas é a falta constitutiva que o põe em marcha. Para articular a teoria freudiana com a narrativa, em primeiro lugar, descrevemos o campo freudiano da primeira experiência de satisfação, do desamparo (*Hilflosigkeit*) e do traço mnêmico, enfatizando que a satisfação inaugural não se repete como tal, mas opera como

referência que orienta retroativamente as buscas. Em seguida, destacamos que o objeto perdido — longe de um objeto empírico — funciona como operador estrutural que sustenta a metonímia do desejo: a circulação por substituições, deslocamentos e satisfações parciais. Por fim, articulamos o conceito de *das Ding* (o real não simbolizável) em torno do qual o desejo se organiza.

A narrativa evidencia, com clareza didática, a diferença entre completar e preencher: o encaixe “perfeito” tampona o intervalo de onde provêm o canto, a pausa, o encontro — isto é, a própria possibilidade de laço com o mundo; não completa o personagem. Ao renunciar à peça, o personagem não abdica do desejar; ele desfaz a fantasia de um objeto-último e restaura o regime metonímico que pluraliza investimentos. Em termos clínico-teóricos, tal gesto ilustra a tese freudiana segundo a qual não há objeto capaz de garantir uma satisfação pulsional total; o que há é o circuito da pulsão, cuja satisfação é parcial e cujo percurso, mais do que a meta, sustenta o movimento do desejar.

Como trabalhos futuros, no plano teórico, seria fecundo: (a) aprofundar o estatuto do fantasma (fantasia) como “tela” que ao mesmo tempo vela e sustenta o desejo; (b) precisar o lugar do objeto a na passagem da economia freudiana do objeto perdido à formalização lacaniana da causa do desejo. No plano clínico, importa interrogar: (c) como certos ideais de “completude” emergem nos sintomas contemporâneos (busca incessante pela alma gêmea, perfeccionismos, compulsões de desempenho, demandas de adequação) e de que modo a direção do tratamento pode desfazer essas montagens imaginárias; (d) de que forma satisfações parciais e pluralização dos investimentos podem ser lidas como efeitos do trabalho analítico, quando a fala encontra um lugar para reiterar o desejo sem o confundir com uma promessa de totalidade.

Em síntese, a ideia defendida — de que *A Parte que Falta* encena a queda da fantasia de completude e restitui a circulação metonímica do desejo — mantém-se consistente com o conjunto de operadores freudianos aqui descritos. Reafirma-se, com isso, a tese central: viver implica sustentar a falta que nos constitui, multiplicar investimentos e resguardar o desejo como motor do laço com o mundo. Onde se fecha o círculo, cala-se a canção; onde se “falta”, há caminho, endereço e voz.

Referências:

- COSTA, T. (2010). *Édipo*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar.
- DO NASCIMENTO, L. V.; MAURANO, D. (2018, março). O belo desejo da psicanálise. *Psicanálise & Barroco em Revista*, v. 13, n. 2, seq. Artigos. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/7338>.
- DOR, J. (2004). *Introdução à Leitura De Lacan Vol. 1*. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed.
- FINK, B. (1998). *O Sujeito Lacaniano: Entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FREUD, S. (1895/2006). Projeto para uma psicologia científica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. I*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1900/2019). A interpretação dos sonhos. *Obras Completas Vol. 4*. trad. Paulo César de Souza. 1ª. São Paulo: Companhia das Letras.
- FREUD, S. (1905/2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Obras completas Volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. trad. Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras.
- Trivium: Estudos Interdisciplinares*, Ano XVII, no.2. p. 92-105.

Paulo: Companhia das Letras. p. 13–172.

FREUD, S. (1911/2004). *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*. ESB, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1920/2020). *Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips] – Edição crítica Bilingue*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica.

GARCIA-ROZA, L. A. (1987). *Freud e o inconsciente*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar.

GARCIA-ROZA, L. A. (1993). *Introdução à metapsicologia freudiana 2: A interpretação do sonho*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar.

GARCIA-ROZA, L. A. (1999). *Acaso e Repetição em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

JORGE, M. A. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan - vol. 2: A clínica da fantasia*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar.

JORGE, M. A. C. (2017). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan - vol.3: A prática analítica*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1959-1960/1988). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. 1ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

LACAN, J. (1964/1985). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

MAURANO, D. (2006). *A transferência: uma viagem rumo ao continente negro*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar.

QUINET, A. (2000). *A descoberta do inconsciente: Do desejo ao sintoma*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar.

RABINOVICH, D. S. (2009). *O Conceito de Objeto na Teoria Psicanalítica: Suas Incidências na Direção da Cura*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.

SOLER, C. (2021). *De um trauma ao Outro*. 1ª edição. São Paulo: Editora Blucher.

VALAS, P. *As Dimensões do Gozo. Do Mito da Pulsão a Deriva do Gozo*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SILVERSTEIN, S. (2018). *A parte que falta*. 1ª edição. São Paulo, SP: Companhia das Letrinhas.

Citação/Citation: Guedes, G.; Fulco, A. P. L. *A parte que falta: uma leitura freudiana a partir de Shel Silverstein*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 2), p. 95-105.

Recebido em: 30/09/2025

Aprovado em: 20/10/2025